

# TODO UM POVO DISCUTE PROBLEMAS DE CULTURA

Jorge Amado

---

Livro Mundo da Paz escrito por Jorge Amado, onde relata a visita em 1948 e 1949 a União Soviética e vários países de democracia-popular: Tchecoslováquia, a Polônia, a Hungria, Romênia, a Bulgária. Trecho da página 70 a 82 da 1ª edição Editoria Vitória, 1951.



*Jovens da União Soviética (Fonte: realussr.com)*

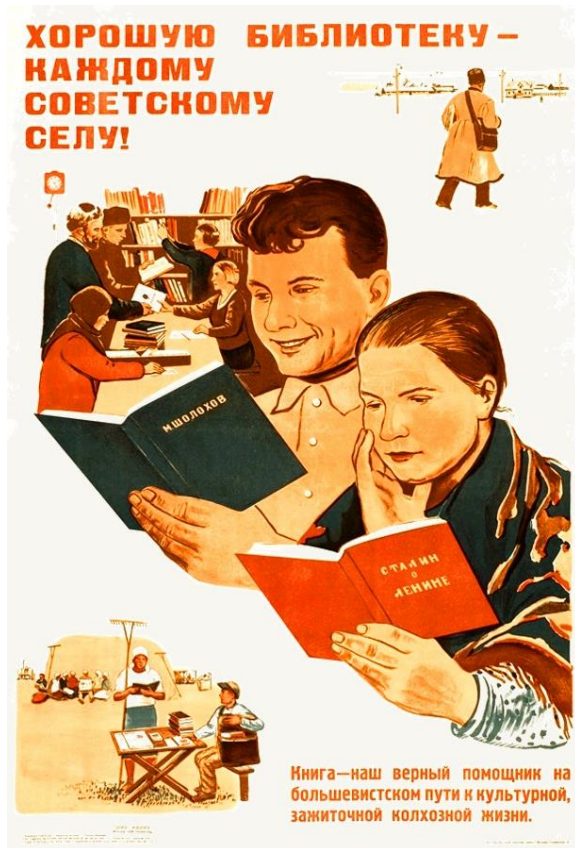
Devo confessar que, alguns dias depois de haver chegado, eu estava tonto: muito mais profunda que eu imaginara era a diferença entre dois mundos, o espetáculo da vida na URSS nada tem semelhante com o dos países capitalistas. As palavras “um novo mundo” adquiriram, subitamente, para mim, uma significação concreta, ali estava ele diante de mim tão real e palpável, tão mais realizado já do

que eu imaginara, que me sentia humilde e tímido ante sua visão. Quereis um exemplo? Tomai os temas de conversação em nossos países e os temas de conversação na União Soviética.

Em nossas pátrias os temas centrais da conversação formam-se pelo círculo de interesses pessoais dos interlocutores, se referem quase sempre a seus problemas, aquelas preocupações imediatistas do homem lançado numa batalha difícil pela subsistência, onde o dinheiro joga o papel principal. Custo da vida, o absurdo dos alugueis de casa, a saúde das crianças, o salário insuficiente, a necessidade inadiável de ganhar mais, as altas taxas escolares, a ajuda prometida por um conhecido prestigioso, ou bem os temos mais gerais: o perigo da guerra, as lutas partidárias, as lutas dos homens pela conquista do poder pessoal, conversas que refletem geralmente um ambiente de tristeza, de vida difícil, por vezes de desespero.

Alguns dias depois de chegado à URSS, após haver tomado contato com o povo soviético, a reflexão mais constante no meu espírito era a seguinte: esse povo vive para os problemas da cultura e do trabalho. É uma espantosa nação de 200 milhões de habitantes a discutir ou bem sobre livros, “ballet”, cinema, biologia, ou bem sobre como tornado trabalho mais fácil e mais rendoso para a coletividade! A cultura é o alvo da vida desse povo, e de todo esse povo sem exceção! Era essa a assombrosa constatação que eu fazia na minha primeira semana de União Soviética. Aquilo que em nossas pátrias é o centro da conversação de uma pequeníssima minoria em determinadas horas apenas, era o centro da conversação de milhares e de milhões em qualquer momento: o concerto musical, a montagem de uma peça de teatro, um romance ou um livro de poemas.

Visitando, em Moscou, a enorme fábrica “Calibre”, de objetos de precisão, tive a sensação exata, nos primeiros diálogos, que falávamos línguas diferentes eu e os operários, mestres contramestres e engenheiros com que conversava, não só porque eles falavam o russo e eu o português, mas porque, também, diversa era a



*Cartaz de propaganda soviético*

nossa maneira de encarar a vida. Eu chegava de um mundo capitalista, onde os interesses privados estão colocados em primeiro plano e, apesar de militante comunista, falava a linguagem desse mundo que, para os cidadãos soviéticos, é já uma coisa morta e enterrada, muito mais do que para nós a escravidão dos negros ou os tempos da colonização portuguesa. Creio que essa vista à União Soviética teve para minha formação de comunista, e sobretudo de escritor comunista, uma importância maior que todos os anos anteriores reunidos.

Quando me dirigia a um operário, para interrogá-lo, os problemas que fazem o cotidiano dos nossos operários, dos nossos camponeses, dos nossos intelectuais eram o motivo da minha pergunta: salário suficiente? Preocupações de dinheiro? Dificuldades para educar os filhos? O aluguel de casas muito pesado?

Os operários respondiam, mas em geral riam, eles também estavam desejosos de conversar comigo, muitos haviam lido livros meus, porém se surpreendiam com as minhas perguntas, parecia-lhes despidas de interesses diante da imensidade e da grandeza de outros temas de conversação.

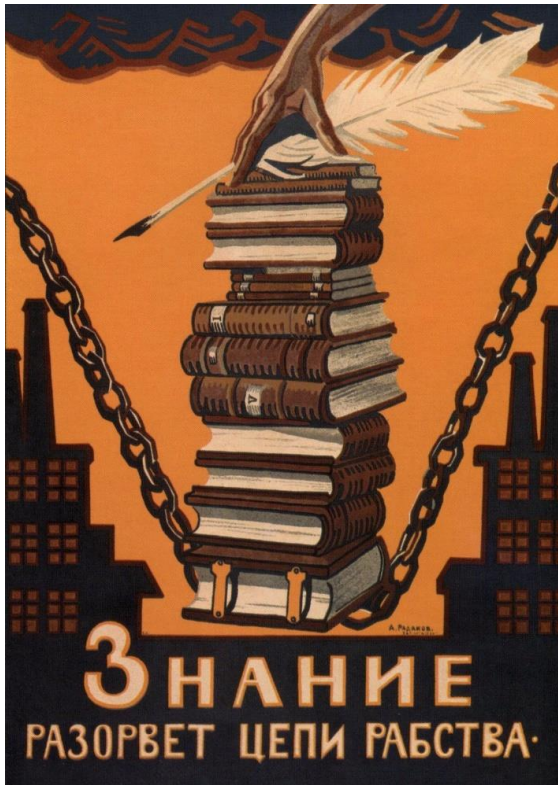


*Sala de leitura para jovens da Biblioteca da URSS. V.I. Lenin, 1938*

Aluguel de casa pesado? Mas não saberia eu por acaso que o aluguel de casa, na União Soviética, é proporcional ao salário do inquilino, que ele não pode jamais exceder de dez por cento (dez por cento, meu Deus, quando no Brasil ele rouba de trinta a quarenta por cento do magro orçamento do trabalhador), e que em geral não vai além de 4 ou 5 por cento? Por isso riam da minha pergunta.

Preocupação com a educação dos filhos? Mas então não sabia que a educação é obrigatória e gratuita na URSS, que todas as crianças sem exceção, dos 7 aos 14 anos, são obrigadas a frequentar a escola, que os pais não tem que dispender um tostão em taxas ou em mensalidades, que o Estado ainda dá a cada escolar uma ajuda em dinheiro no começo do curso, para a aquisição dos livros que, aliás, são baratíssimos, quase de graça? Que os estudantes superiores tem uma bolsa do Estado para os seus estudos recebem em vez de pagar, e percebem ainda, no começo do curso, uma ajuda de custo para os livros?

Salário suficiente? Mas eu não sabia, por acaso, que o restaurante da fábrica fornecia almoços cujo custo não ia além de 3 de rublos, o mais caro, sendo que havia



*O conhecimento quebrará as correntes da escravidão, cartaz de propaganda da URSS*

de 1 rublo e 50? Que a fábrica possuía sua casa de repouso, completamente equipado de todo o necessário para qualquer tratamento, que os operários tinham médico, dentistas, remédios, raios X, raios infravermelhos e raios ultravioleta, sem pagar nada? Um restaurante especial para os operários necessitados de dieta? Uma creche onde ficam durante o dia as crianças pequenas enquanto as mães trabalhavam? Um jardim de infância magnífico? Aliais eu iria logo mais ver tudo isso, almoço no grande restaurante da fábrica com os operários, ver o clube da cultura, a

grande biblioteca da fábrica, todas as imensas conquistas dos trabalhadores no regime socialista.

Apresentaram-me um jovem operário de dezenove anos, moço risonho e forte. Há pouco deixará de ser aprendiz, eu pensava por isso mesmo que seu salário não poderia ser grande. Disseram-me ter ele casado há poucos dias, pilheriavam com o jovem marido. Perguntei-lhe se com que ganhava se sentia seguro para constituir uma família. Fez um gesto com a mão como se a pergunta fosse absurda:

- Eu trabalho, minha mulher trabalha, na URSS podemos casar sem preocupações, nós, os operários – havia orgulho e alegria na sua voz.

Tinham a vida assegurada, a casa lhes custava menos de dez por cento dos seus salários, médico, assistência social garantida, férias obrigatórias, e na sua maior parte pagas pela fábrica, o cinema e o teatro no clube de cultura, os filhos seriam educados às expensas do Estado, como não se sentir seguro para constituir família?

Na União Soviética homens e mulheres casam-se jovens e a causa da imensa maioria dos conflitos familiares, de uma vida de família medíocre e sem beleza, proveniente quase sempre de dificuldades econômicas, deixou de existir. Por outra parte, a mulher adquiriu uma outra dignidade, ela é igual à do homem, nenhuma diferença social separa os sexos, ela se liberou para sempre da situação de inferioridade em que vive nos países capitalistas.



*Na sala de leitura da Biblioteca Estadual da URSS V.I. Lenin. 1939. Foto de F. Kíslov*

Mas logo reencontramos uma língua comum. Posso vos explicar em duas palavras a diferença. Em nossos países dizemos “eu” e “meu”. Essas são as palavras que ouvireis menos na URSS. Em compensação ouvireis as expressões “nós” e “nosso” a todo o momento. “Essa é a “nossa” pátria, essa fábrica “nos” pertence, “nós”, este ano ultrapassamos o plano, “nossos” novos automóveis, “**Moscovitas**” são belos, econômicos e baratos.” É uma beleza, eu vos digo.

Reencontramos nossa língua comum e então conversamos largamente. Qual foram os temas principais da minha conversação com os operários da fábrica “Calibre”, quando esgotei o meu curioso estoque de perguntas sobre suas vidas? Antes de tudo mostraram-me os seus grandes motivos de orgulho: as condecorações e diplomas recebidos pela fábrica, devidos aos seus “recordes” de produção, antes, durante e depois da guerra, apresentaram-me aos seus operários mais eminentes, portadores do glorioso título de “Heróis do trabalho socialista”, ou condecorados com o prêmio Stálin. Nada mais que operários simples homens do trabalho; de mãos calosas e rudes, mas os novos heróis do mundo do trabalho, os novos “grandes homens”, tão diferentes dos

“grandes homens” da nossa pátria, desses políticos ou milionários cuja grandeza provém apenas do dinheiro acumulado ou do cargo conquistado à custa de intrigas, acumulado ou do cargo conquistado à custa de intrigas, de sabujices, de sujeiras. A nova “elite”, uma elite do trabalho, numerosa cada vez mais, símbolo do que será amanhã todo o povo, na época do comunismo construído. A fábrica está orgulhosa deles, não os inveja – esse é um sentimento que desapareceu substituído pela emulação, pelo desejo de superar cada vez mais os “recordes” de ainda ir mais adiante – buscam neles o incentivo para alcançá-los e mesmo superá-los. Mostram-me as “invenções”, dezenas e dezenas de máquinas concebidas e executadas pelos operários para melhorar a capacidade do trabalho, para torná-lo mais fácil, menos pesado, para servir ao bem de todos. Vi velhos operários, que haviam conhecido o regime czarista, onde eram escravos da máquina em fábricas como cemitérios de aço, hoje inventores de máquinas, hoje alegres em suas fábricas, senhores das máquinas, não tendo conquistado apenas o uma vida confortável, tendo conquistado também o direito de crescer com uma fábrica, de colaborar para a melhoria de todos, tendo conquistado a cultura.

Mas conversamos também de literatura e arte, discutimos sobre escritores, sobre teatro e cinema. Durante mais de dez minutos, junto a sua lustrosa máquina, falei com o operário Nicolai Garanin sobre Maupassant, seu escritor estrangeiro preferido, um dos escritores que mais amo. Eu ia de assombro em assombro. Sim, eu sabia que a vida havia sido transformada na União Soviética, sabia que as condições de existência haviam atingido um alto nível, que o analfabetismo desaparecera, que a cultura fora democratizada. Mas não imaginava até onde a cultura passara a ser prioridade de todos, apaixonante conquista a ser por todos realizada. Não poderei jamais calcular, se não estivesse na União Soviética, o amor de um o povo pela palavra cultura e pela sua significação.

Podeis imaginar o que seja para um escritor, para quem o público significa a coisa mais importante, entrar em contato com um povo, que na sua totalidade, ama

a literatura, dedica uma grande parte do seu tempo à leitura, e sabe selecionar os seus autores. Perguntei a todos os operários da fábrica “Calibre” com quem conversei, no dia passado entre eles, quais os seus escritores estrangeiros preferidos. Os nomes mais citados: Dickens, Balzac, Shakespeare, Maupassant, Jack London, Bernard Shaw, Zola, Goethe, Romain Rolland. Mas também outros foram citados. O torneiro Amirnov – mil e duzentos rublos do ordenado por mês, 22 anos de idade, cursando uma escola técnica noturna para formar-se em engenharia – declara-me que o melhor livro estrangeiro lido por ele nos últimos tempos fora o romance “Uma tragédia americana” de Teodoro Dreiser, enquanto Lida Limionova – operária da fábrica, militante do Partido, ganhando entre mil e cem mil e quinhentos rublos por mês, pagando um aluguel de 30 rublos mensais pelo apartamento onde reside, ama sobre tudo o teatro, fala-me da com emoção da peça de Gonchar, “Os abandeirados” e da peça de Nikolai Virba, “Nosso pão quotidiano”, prêmio Stálin de 1948.

A grande massa do nosso povo, nas fábricas, nas usinas, nos cais dos portos ou nos feudos do interior, é analfabeta. Não sabe ler nem escrever, não imagina sequer a alegria que lhe pode proporcionar a cultura, Os livros e os espetáculos, os concertos e o “ballet”, são coisas com as quais sequer pode sonhar. São luxos para a pequena minoria de privilegiados, para uma casta de alguns milhares entre os nossos quarenta e sete milhões de habitantes.

E a maioria desse pequeno grupo que sabe ler, que pode ir aos teatros e ao cinema, que livros lê, que peças assiste, que filmes lhe são dados a ver? Quais são os autores estrangeiros preferidos do nosso público – da pequena, média e grande burguesia alfabetizada? Serão por acaso Dickens, Balzac, Shakespeare? Não existem quase à venda em nossas livrarias traduções brasileiras de Dickens e Shakespeare; só agora se inicia a publicação das obras completas de Balzac, e o preço dos livros é impossível, reduz o público comprador a uma proporção ínfima da já tão pequena quantidade de leitores. Por outro lado a burguesia, os senhores feudais, o



imperialismo, não tem nenhum interesse em que o povo leia e sobre tudo, em que leia os grandes escritores sempre capazes de ensinar algo de perigoso para a estabilidade de um injusto estado de coisas. O que vemos na mão da grande massa de leitores são os romances da “Biblioteca das moças”, as histórias idiotas de Delly e de Ardel, ou os “best-sellers” ianques, grossos compêndios de estupidez, impregnados de uma ideologia reacionária, historias distantes da realidade, de propaganda da filosofia de vida “americana”, tão absurda e falsa. Os nossos teatros vivem entre dramalhão mais tolo e a “chamada” mais pornográfica, o monopólio ianque dos cinemas nos oferece a produção cretina de Hollywood. É tudo que a “elite” alfabetizada do nosso povo como meio de cultura e tudo isso custando os olhos da cara...

Na URSS, a cultura foi libertada das peias que escravizavam, que a limitavam, que a tornavam propriedade de uma casta. Os trabalhadores, após a revolução, encontraram em sua frente não só a possibilidade de cultivar-se, de alfabetizar-se, de educar-me, porém, mais que isso, foram, por todos os meios, estimulados a fazê-lo. Elevar o nível de cultura do povo, eis uma das maiores tarefas postas pela Revolução de Outubro ao novo Estado socialista. Ela foi realizada numa extensão e profundidade incriveis. Não só o analfabetismo desapareceu. O gosto literário adquiriu um refinamento que nenhum grupo intelectual burguês do mundo o possui: basta passar os olhos pelo repertório dos teatros de Moscou – Shakespeare, Garcia Lorca, Lope da Vega. Molière, Gogol, para falar apenas de mortos. La não vereis nem a “chanchada” pornográfica nem o dramalhão.

Sabeis, por acaso, como é marcado o preço de um livro no Brasil? Eu vos explico: feitas, pelo editor comercial, as contas de todas as despesas – papel, composição, impressão, revisão, brochagem, direitos de autor, gastos de envio e de escritório - ele sabe quanto lhe custou cada exemplar. Multiplica então esse preço de custo por três e obtém o preço de venda. Assim um livro que custa ao editor dez cruzeiros é vendido ao público a trinta. O livro deve enriquecer o editor, o livreiro, o

proletário das oficinas gráficas e o fabricante de papel. Daí o absurdo do seu preço que não beneficia tão pouco o escritor, pois limita a tiragem, limitando assim os seus direitos.



*Escritor Russo John Ruskin (1819 - 1900)*

Na União Soviética, a indústria do livro deixou de ser um comércio lucrativo para ser uma tarefa social do Estado. O preço do livro está na dependência não da sede de lucro do editor ou do livreiro, mas exclusivamente da utilidade da sua divulgação, sendo os preços de certos livros, os mais indispensáveis, tão baixos que ficam ao alcance de qualquer salário. As tiragens são enormes deixam longe as cifras mais altas de qualquer “best-seller” ianque. Eis algumas cifras: após a proclamação do poder dos Sovietes as obras de Ruskin, até então reservadas ao conhecimento de uma elite de nobres e intelectuais, foram publicadas em 68 línguas dos povos soviéticos, numa tiragem total de 40.548.000 (quarenta milhões quinhentos e quarenta e oito mil exemplares). Esses milhões foram acrescidos, durante as comemorações de 150º aniversário do poeta, em 1949, de mais 11.500.000 (onze milhões quinhentos mil exemplares). Que nação burguesa mesmo a mais civilizada ou culta já divulgou assim, em tão vasta escala, e em tão pequeno espaço de tempo, a obra do seu grande poeta nacional? Teria a Itália publicado 1918 aos nossos dias, sequer um milhão de exemplares da “Divina Comédia”, de Dante? Não só não creio possível, como penso que talvez se tenha editado maiores tiragens de Victor Hugo na União Soviética, nesse período, que mesmo na França. Será que as edições das obras de Shakespeare, na Inglaterra, ou as Walt Witmann, nos Estados Unidos, chegaram, no mesmo período de tempo, e qualquer cifra semelhante? Certamente não a burguesia está muito preocupada em fabricar armas para a guerra, não se interessa em levar a voz dos seus grandes clássicos ao conhecimento do povo.



[www.averdade.org.br](http://www.averdade.org.br)

Se formos comparar as cifras de enormes edições soviéticas, com as magras tiragens das editoras capitalistas, veremos como em realidade nenhum país capitalista pode hoje falar em cultura. Quando cheguei à França, vindo do Brasil, pareceu-me que éramos, em relação ao nível de cultura francês, um país muito atrasado. A mesma sensação tive, em relação à França quando regresssei da URSS para Paris. A França pareceu-me em matéria de cultura, terrivelmente atrasada ao compará-la com a União Soviética.

Desejo vos dar um detalhe de como é realizada essa obra de cultura, de como o Estado nela colabora. Tomemos o setor musical, os discos para vitrolas são muito baratos. Podereis comprar um disco de música popular – canções, valsas, etc. – por 3 rublos. Mas um disco de música erudita, maior, custa somente 1 rublo e meio. Ou seja, o Estado não só possibilita a compra da melhor música, daquela de mais alta qualidade, como ajuda com o preço mais baixo, a sua maior difusão. Falei um pouco antes das edições imensas. Pois bem: essas imensas edições são insuficiente para a sede de leitura do povo e um livro de sucesso desaparece imediatamente das vitrines das livrarias por maior que seja a sua tiragem. Visitei várias casas de operários soviéticos, residências de camponeses em kolkozos, e dessas visitas vos falarei ainda. Porém de um detalhe quero logo contar: em todas as residências que visitei, sem nenhuma exceção, encontrei uma estante com livros. Isso num país onde as bibliotecas se multiplicam, onde cada fábrica, cada organização, cada fazenda coletiva, cada clube tem a sua biblioteca, e onde as bibliotecas públicas se sucedem.

Sim, é fácil encher a boca com a palavra “cultura”, é fácil arrotar das tribunas parlamentares ou das colunas dos jornais um orgulho e um amor pela “cultura”, como o fazem nossos parlamentares e jornalistas, nossos homens de governo, ao mesmo tempo que as grandes tiragens brasileiras são de cinco mil, quando as editoras abrem falência e as livrarias fecham suas portas, quando o analfabetismo é nossa realidade em matéria de cultura. Mas para sentir realmente o que é a cultura como dom de um povo, como centro mesmo do interesse de um povo, é necessário

ir mais além dos países burgueses mais cultos, mais além da França e da Inglaterra é necessário ir a União Soviética. Esse povo – era minha impressão cada vez mais forte à proporção que entrava em contato com ele – vive para as alegrias da cultura.

Quando das discussões sobre filosofia, sobre música, sobre biologia, travadas na União Soviética, muito se falou no mundo capitalista em escritores, músicos, filósofos e cientistas oprimidos. Recordo que durante o Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, reunido em outubro de 1947, na cidade de Belo Horizonte, certos escritores, paulistas de “esquerda” (sic...) pensavam apresentar à aprovação do plenário uma moção de solidariedade para com os “escritores soviéticos perseguidos”. Não a apresentaram, faltou-lhes coragem, mas o fato serve para mostrar até onde foi a exploração ignóbil feita pela burguesia em redor das discussões estéticas na URSS. Discussões que são, antes de tudo, melhor prova da liberdade do intelectual soviético, da verdadeira liberdade.

Quero chamar a atenção para o fato de que todas essas discussões – sobre literatura, arte, filosofia, ciência – não se limitaram em nenhum momento aos grupos de especialistas. Nelas participou todo o povo soviético; elas prosseguem, em meio ao povo, em relação a todos os livros aparecidos, a todas as peças de teatros, a todos os filmes de cinemas. O povo discute, apaixonadamente a criação dos seus artistas e escritores, ao aplaudi-los diz-lhes também dos seus defeitos, exige deles uma constante melhoria. É um público de alto nível de cultura, não se satisfaz com pouco. Conversei com dezenas de pessoas, das mais diversas profissões, sobre tais assuntos. Todas se interessavam por eles, tinham o que dizer, opinião própria. Isso é alguma coisa de novo, de surpreendente e belo.

Existe um hábito popular em toda a União Soviética. Quando é publicado um novo livro, os leitores das fábricas, das escolas, dos Kolkozos, convidam o autor a vir discutir com eles os seus livros. Dizem do que gostaram e porque, dizem do que não gostaram e porque. Llya Ehrenburg me afirmava, em Moscou, que mais ainda que a crítica literária, essas discussões com leitores francas e amigas, lhe ajudavam a

apurar sua maestria literária, a trabalhar mais atentamente a dedicar-se ainda com maior senso de responsabilidade ao seu trabalho de romancista e articulistas.

Discute-se muito, nos meios artísticos do mundo ocidental, da qualidade da pintura soviética. Pintores abstratos, surrealistas e cubistas rangem os dentes ao falar da arte plástica da URSS. Deixemos de lado a discussão para colocar outro problema: a que percentagem da população se interessa com a arte plástica nos países mais cultos do mundo capitalista? Não falo sequer do Brasil, falo da França, da Itália, da Holanda ou da Espanha, países que possuem uma grande tradição plástica. Onde estão os quadros, onde estão as reproduções dos quadros nesses países? Os originais se encontram ou bem nos museus vazios de visitantes ou bem nas salas dos milionários, um ornamento a mais. As reproduções tiradas em pequenas edições, são compradas por um pequeno grupo de apreciadores da pintura.

E na URSS? Os originais estão também nos museus, mas são cheios de visitantes, dia e noite, e reproduções e cópias dos quadros reputados são milhares e milhares, nós as encontramos não apenas nas mãos de uns poucos, mas em cada casa de operário, em cada casa de camponeses, em cada oficina, em cada escritório. O conhecimento da pintura, o interesse pela arte plástica foi levado a todo o povo. Essa é uma realidade bem mais digna de consideração e de discussão do que saber se a pintura soviética é superior ou inferior à francesa, se o método do realismo-socialista é ou não preferível ao abstracionismos e ao surrealismo.

Não há muitos dias, li, numa crítica cinematográfica do conhecido cineasta Frances Georges Sadoul, uma curiosa observação, útil para medir-se o nível da cultura soviética em relação ao dos países capitalistas. Falava ele a respeito do magnífico filme colorido soviético “Mitchurin”, cujo argumento é a vida do famoso sábio, criador de tantas espécies vegetais novas. Sadoul, ao elogiar as qualidades cinematográficas e ideológicas do filme, fazia no entanto, notar, que, por vezes, certos detalhes escapavam ao público francês, pouco familiarizadas com coisas de



[www.averdade.org.br](http://www.averdade.org.br)

botânica, detalhes que, no entanto, eram perfeitamente compreensíveis para todo o público soviético, ao qual as coisas de botânica não eram tão estranhas.

Sim, esse povo conquistou o direito à cultura e o utiliza. Aqui não ouvireis falar da guerra, não escutareis discussões sobre “gangsters”, não lereis nos jornais histórias de pavorosos crimes, de assassinatos passionais, de roubos rocambolescos, os serões familiares não são dedicados a comentar o último casamento da estrela de Hollywood com o boxeur de New York. Mas ouvireis falar de Lyssenko e da transformação da natureza com o emprego da energia atômica, ouvireis discussões apaixonadas sobre a última sinfonia de Shostakovitch, o mais recente “ballet” dançando pela maravilhosa Ulanova, o novo livro de Konstantin Simonov. Ouvireis as mais diversas opiniões, ao contrário que muitos pensam, julgando que na URSS há sempre unanimidade no aplauso ou na crítica. Opiniões as mais diversas, mas sem dúvida com um mesmo ponto de contato: todo julgamento é feito em função da utilidade da obra da contribuição por ela trazida ao trabalho de todos, à vida de todos.